



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES

CURSO DE PEDAGOGIA

PENSAR A EQUOTERAPIA COMO UM ESPAÇO PEDAGÓGICO

Mariani da Silva

Lajeado, junho de 2014

Mariani da Silva

PENSAR A EQUOTERAPIA COMO UM ESPAÇO PEDAGÓGICO

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Pedagogia, do Centro Universitário Univates, como parte da exigência para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Isabel Lopes

Lajeado, junho de 2014



A minha mãe que é a razão do meu viver.
É meu ar que respiro, meu alimento de cada dia,
minha água que mata minha sede, enfim,
meu amor incondicional. Te amo...

AGRADECIMENTOS

No final de mais uma etapa alcançada na minha vida, tenho que agradecer a todas as pessoas que comigo andaram e àqueles que, mesmo de longe, acompanharam minha trajetória campo a fora.

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem ele não teria condições de acreditar e lutar pelos meus ideais. Se cheguei até aqui, foi porque muitas vezes pedi a ele força para continuar, quando não tinha vontade de escrever, não surgia nenhuma ideia, quando estava angustiada, cansada.

À minha família, minhas duas paixões que formam a minha estrutura, um amor completamente diferente o outro, no entanto um sentimento inexplicável. Agradeço à mãe e ao mano por sempre estarem ao meu lado.

Ao meu terceiro amor, Marcio Steiner, que me acompanha há muito tempo, pela compreensão e dedicação nestes anos de academia, pela presença nos dias bons e ruins que passei. Obrigada, amor, por fazer parte da concretização de mais um sonho.

À minha orientadora, Bela, que sempre esteve à disposição para sanar as dúvidas e agregar ideias e conhecimentos na escrita deste trabalho, pela escuta, pela atenção e dedicação prestadas nestes seis anos de convívio.

Ao Centro de Equoterapia Vida, que abriu suas portas para que realizasse este estudo, um importante passo na minha vida. Obrigada de coração por esta grande oportunidade. Vocês fazem parte deste sonho.

À família Menezes, que amo muito, e que participou destes anos de luta, de

crescimento, de conhecimento. Minha família número dois, aqueles que muito me ajudaram e que fazem dos meus dias, dias maravilhosos. Obrigada Neneca, dinda Silvia e Flávia. Amo vocês, obrigada por fazer parte da minha vida.

Pai, mesmo que no céu esteja, não posso deixar de dizer que você também faz parte desta grande conquista. Amo você, pai.



RESUMO

Esta monografia é fruto do Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, que teve como foco pensar a equoterapia como um espaço pedagógico. Pensar a equoterapia não como uma ciência da correção, da disciplina do corpo que visa normatizar o sujeito, mas como uma equopedagogia que potencialize as diferenças, as alegrias e os bons encontros. Para isso, a metodologia utilizada foi a pesquisa de aproximação genealógica, abordando um estudo bibliográfico e de campo que levou em consideração os aspectos da realidade do Centro de Equoterapia Vida (CEV) de um município de pequeno porte do Vale do Taquari/RS. Como resultados, pude constatar a presença da pedagogia, através de bons momentos que os sujeitos aproveitam para escapar do controle social no qual estão constantemente sendo enquadrados. Existe, sim, um vestígio de uma equopedagogia em meio a tantos discursos e tentativas de padronização.

Palavras- chave: Equoterapia. Espaço não-formal. Devir-criança.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Um dos cavalos da hotelaria, onde se é praticado as sessões de equoterapia. Chama-se Baio auxilia nas sessões também, quando se trata de ensinamentos de montaria.....	15
Figura 2 - O Tornado, um dos cavalos da equoterapia.....	20
Figura 3 - É durante uma sessão de equoterapia com o praticante Nicolas com a fisioterapeuta Olga e seus auxiliares guias Igor e Daniel.....	26
Figura 4 – A grande máquina escolar.....	32
Figura 5 - Nicolas praticante do CEV na sessão de equoterapia.....	37
Figura 6 - Praticante Willian durante uma sessão de equoterapia.....	39
Figura 7 - Praticante Emily durante a sessão de equoterapia.....	46
Figura 8 – Relação entre praticante e o cavalo.....	49

LISTA DE ABREVIATURAS

ANDE/BR- Associação Nacional de Equoterapia

APAE - Associação dos pais Amigos dos Excepcionais

CEV- Centro de Equoterapia Vida

PAEDA - Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO “SORTA CAVALO”	10
1 “O GAÚCHO E O CAVALO”	14
1.1 Definição de equoterapia.....	14
1.2 História da equoterapia.....	16
1.3 Legislação normativa.....	18
1.4 O cavalo.....	19
2 “TORDILHO NEGRO”	21
2.1 Aproximações com a história da pedagogia.....	21
2.2 Espaço de atuação não-formal.....	25
2.3 Dificuldade de aprendizagens	27
3 “UM BAGUAL CORCOVEADOR”	32
3.1 Saberes científicos-ciência da correção-disciplina do corpo- normatização.....	32
4 DEVIR CRIANÇA – POTENCIALIZANDO A EDUCAÇÃO MENOR	35
5 METODOLOGIA “GINETE E PICO”	40
6 ANÁLISE “TÔ VOLTANDO PRA FICAR”	42
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS “GRITOS DE LIBERDADE”	46
REFERÊNCIAS	50

ANEXOS.....	53
ANEXO A - Roteiro para a entrevista com os praticantes da Equoterapia.....	55
ANEXO B - Roteiro para entrevista com os profissionais da Equoterapia	56



INTRODUÇÃO “SORTA CAVALO”

Sorta o cavalo tchê, sorta o cavalo vai eu fui
criado lá na costa do Uruguai,
sorta o cavalo tchê, sorta o cavalo
vai a minha vida é
dá laçasso e corcovia.

(Grupo Rodeio - Sorta o cavalo)

A equoterapia é a técnica que utiliza o cavalo como principal meio de trabalho, dentro de uma abordagem interdisciplinar, nas áreas de saúde, educação e equitação.

Este tema surgiu na minha formação acadêmica, a partir de uma pesquisa realizada na disciplina de Processos Avaliativos na Educação Básica com a professora Jacqueline Silva da Silva. No primeiro semestre de 2012, o foco era pensar “A avaliação dos benefícios equoterápicos”, de forma a problematizar a avaliação de crianças com deficiências ao frequentarem a equoterapia, e os diferentes espaços educacionais. Investiguei, a partir de entrevistas, como ocorria a avaliação das crianças com a técnica da equoterapia e como a escola se apropriava e integrava-se a esses resultados. Como resultado dessa investigação, constatei que a equoterapia está demarcada como um espaço não-formal. Este espaço, até então, não foi problematizado por alunos do curso de Pedagogia do Centro Universitário UNIVATES. Por isso, o desafio de problematizar este tema permanece

como inquietação, fazendo com que eu me mantivesse nas discussões, pensando a equoterapia como problema do Trabalho Final de Curso.

O trabalho intitulado “Pensar a equoterapia como um espaço pedagógico” apresenta reflexões a partir de um espaço de atuação do profissional pedagogo. O problema pesquisado foi: como podemos pensar a equoterapia, não como uma ciência da correção, da disciplina do corpo que visa normatizar o sujeito, mas como uma equopedagogia que potencialize as diferenças, as alegrias e os bons encontros?

Ressalta-se que a equoterapia clínica tem se sustentado em saberes – médicos, psicológicos, fisioterapêuticos – que buscam uma técnica de correção normativa dos corpos, ou seja, uma normalização dos indivíduos que procuram a prática. No entanto, a equopedagogia pode ser pensada como um devir criança que promove um processo criativo pelo qual as minorias se metamorfoseiam e escapam do controle social.

A equoterapia surge na antiguidade, ainda se sabe pouco sobre a técnica que utiliza o cavalo como principal meio de trabalho. Para desenvolver a pesquisa, traço alguns objetivos, como: conhecer a equoterapia, conhecer as propostas do Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem (PAEDA), observar as sessões de equoterapia, buscar referências que embasem a pesquisa, analisar os instrumentos de diagnósticos: fichas de encaminhamentos, prática de retornos às famílias e aos profissionais.

A pertinência do estudo de pensar a equoterapia como uma equopedagogia que visa ao sujeito, valorizando-o com suas diferenças, potencialidades e singularidades e não somente como técnica corretiva de corpos, ocorreu num município pequeno porte do Vale do Taquari/RS, no semestre A/2014.

Dessa maneira, no primeiro capítulo deste trabalho apresento a equoterapia, uma técnica que utiliza o cavalo como principal agente nas práticas terapêuticas que são feitas com o animal. Em documentos analisados, a técnica era recomendada desde 124 a.C para fins terapêuticos. A técnica equoterapêutica foi formulada por profissionais da saúde, educação e equitação, com objetivo de atender crianças, jovens e adultos em suas necessidades físicas, cognitivas, emocionais e comportamentais.

No segundo capítulo, encontra-se a história da pedagogia que teve seu surgimento no século XVII. A pedagogia tradicional, com seus costumes conservadores define um tipo de método para pensar a prática de saber-fazer. Em sua contradição, surge a pedagogia nova de pensar a escola, fazendo com que o ensino não seja mais apenas transmissão de conhecimentos. Esta concepção tem como objetivo refletir sobre a criança antes de pensar a escola como o centro de tudo. Surge, então, por meio de Maria Montessori, uma nova perspectiva de pensar a educação e a criança que percebe a criança como uma fonte de desenvolvimento, de potencial e individualidades. Neste contexto, o adulto é tido como ajudante no desenvolvimento do indivíduo.

Pensando em espaços além da escola temos os espaços não-formais que surgem para contemplar os diferentes tempos e aprendizagens. Hoje em dia, se sabe que não é somente a escola que ensina. A equoterapia é uma área de atuação do profissional da pedagogia fora da escola. A relação entre o praticante e o profissional de equoterapia difere da relação entre professor e aluno, pois as experiências não formais são o principal enfoque pedagógico e podem somar outras aprendizagens aos sujeitos. A aprendizagem vai surgir com a interação com os pares que carregam consigo valores e aprendizagens diferentes. Assim, o maior educador é o mundo, onde todos irão construir e dividir experiências com seus grupos. Portanto, a relação do praticante com o cavalo traz um conjunto de atividades não escolares que contribuem com o processo de ensino aprendizagem dos sujeitos.

Refletindo sobre estes processos de aprendizagem, não podemos deixar de discutir sobre as dificuldades de aprendizagem, um tema que vem sendo debatido atualmente na educação. Isso se reflete nas maneiras de se classificar e padronizar sujeitos que, por motivos variados, possuem ritmos diferentes para aprender. Esses discursos não são produtos de agora, possuem um processo histórico, que vem se intensificando como discurso da escola. A escola não permite que as diferenças sejam vistas como positivas, estipulando, assim, um tempo para a aprendizagem do aluno a fim de poder classificá-lo como lento, rápido, aprendente ou não aprendente. O sujeito, dessa forma, é observado e narrado pelos saberes médicos por aquilo que ele é, colocando-o dentro de um padrão de anormalidade.

O terceiro capítulo é composto pelos saberes científicos - ciência da correção-

disciplina do corpo- normatização. Durante a época clássica, o corpo torna-se uma descoberta como alvo de poder, manipulável, obediente, ou seja, responde e é treinado facilmente para mostrar e comprovar resultados e forças que se multiplicam. Um corpo dócil é submetido a formas de normatização para se enquadrar aos padrões exigidos pelas sociedades. Não se pode dizer que este discurso de docilidade é do tempo atual, pois, desde o século XVIII, fala-se sobre estas questões. O principal objetivo é domesticar o ser humano considerado selvagem perante uma sociedade. Para modificar esta concepção de controle sobre os indivíduos, são necessários métodos. Assim, criou-se o termo disciplina que visa a relações de docilidade e de utilidade. Pensar em tempo útil, um tempo que deve ser aproveitado o máximo para que possam produzir efeitos positivos no corpo do indivíduo. Para se adequar à sociedade, o corpo dos indivíduos passa por inúmeros métodos de docilidade, para que possam tornar-se úteis para a escola. Nessa concepção, a escola é considerada uma maquinaria de subjetividades.

O quarto capítulo traz o conceito do devir criança, que está ligado ao processo criativo pelo qual as minorias se metamorfoseiam e escapam do controle social, ou seja, acabam se sobressaindo aos padrões adotados pela sociedade como verdade absoluta. Esta é, pois, uma nova maneira de pensar a educação dos indivíduos que adotam estas “*linhas de fuga*”, que são novas maneiras de sentir, de pensar e de valorizar o indivíduo como ser único.

A criança do devir é uma possibilidade de outra educação que está baseada na experimentação. O corpo é tido como experiência de encontro, de liberdade e de seus limites, uma possibilidade de desformalização. Portanto, o devir é uma potência que incentiva a infinitude, pois está além de marcadores, medidores e padrões, está nas vivências e experiências de cada indivíduo, que as sente de uma forma. O devir-criança vai surgir de uma língua menor, de algo que é inesperado, desconhecido, que surge das vivências e experiências com o intuito de quebrar barreiras binárias, que consistem em classificações para enquadrar todos num determinado tempo e espaço.

Finalizo este estudo com as minhas considerações finais acerca de tudo que foi realizado, visando o foco da pesquisa de pensar a equoterapia como uma equopedagogia que potencialize as diferenças, as alegrias e os bons encontros através da técnica a cavalo.

1 O GAÚCHO E O CAVALO

Quem sou eu sem meu cavalo,
o que será dele sem mim, talvez dois seres perdidos
a vagar pelo capim, quem sou eu sem meu cavalo,
o que será dele sem mim, pois quando morre um
cavalo morre um pedaço de mim.

(Monarcas- O gaúcho e o cavalo)

1.1 Definição do que é equoterapia

A equoterapia é definida pela Associação Nacional de Equoterapia - ANDE - como uma técnica que utiliza o cavalo como principal agente nas práticas terapêuticas que são feitas com o animal e a cavalo. Essa técnica foi formulada por profissionais da saúde, educação e equitação.

A expressão EQUOTERAPIA foi inventada no ano de 1989, pela ANDE/Brasil (1999, p. 10), para designar todas "as práticas que utilizem o cavalo com técnicas de equitação e atividades equestres, objetivando a reabilitação e/ou educação de pessoas portadoras de deficiência [...]".

Conforme o documento da Associação Nacional de Equoterapia (ANDE) (id.) o nome da técnica surge para cumprir três funções: homenagear a nossa língua mãe - o latim - adotando o radical EQUO que vem de EQUUS; prestigiar o pai da medicina ocidental, o grego HIPÓCRATES de LOO (458 a 377 a.C.), que no seu livro "DAS DIETAS" já aconselhava a prática equestre para regenerar a saúde, e

adotou-se TERAPIA que vem do grego THERAPEIA parte da medicina que trata da aplicação de conhecimento técnico-científico no campo da reabilitação e reeducação, e a terceira função foi estratégica: quem utilizasse a palavra EQUOTERAPIA, totalmente desconhecida até então, estaria engajado nos princípios e normas fundamentais que norteiam esta prática no Brasil, o que facilitaria o reconhecimento do método terapêutico pelos órgãos competentes.

A técnica da equoterapia, segundo a Associação Nacional de Equoterapia (ANDE) (id.), vem sendo utilizada por praticantes que visam alcançar objetivos terapêuticos a partir do cavalo. Seu público-alvo são crianças com deficiência, com dificuldades de aprendizagem, idosos ou pessoas que buscam a correção postural. Nessa prática exige-se a participação do corpo, ou seja, de todos os músculos, de todas as articulações e de toda concentração do praticante.

A técnica que utiliza o cavalo como um agente apresenta em seu discurso benefícios físicos, psíquicos, educacionais e sociais de pessoas com deficiências físicas ou mentais e está indicada para os seguintes quadros clínicos: doenças genéticas, neurológicas, ortopédicas, musculares, clínico-metabólicas, sequelas de traumas e cirurgias; doenças mentais, distúrbios psicológicos e comportamentais; distúrbios de aprendizagem e linguagem; entre outros.

O cavalo acaba se transformando em um personagem da vida do praticante, passando a ser um ponto de ligação com mundo que o rodeia, servindo de intermediador para o terapeuta, por possibilitar aos sujeitos ações concretas na superação das dificuldades, sendo que os estímulos são múltiplos e abrangem os aspectos da percepção corporal e da autoestima.

Figura 1 - Um dos cavalos da hotelaria, onde se é praticado as sessões de equoterapia. Chama-se Baio auxilia nas sessões também, quando se trata de ensinamentos de montaria.



FONTE: Acervo pessoal da pesquisadora (2014)

Na região do Vale do Taquari/RS, a equoterapia se destaca com o enfoque terapêutico voltado para crianças, adolescentes e adultos, em que os praticantes são atendidos em suas necessidades físicas, cognitivas, emocionais e comportamentais.

A Associação Nacional de Equoterapia (1999) conceitua o termo praticante para designar as pessoas com deficiências, principais agentes no processo, que participam da reabilitação na interação com o cavalo. Trata-se de um momento de contato com o animal. As sessões estimulam aspectos biopsicossociais, contribuindo para a melhora do sujeito que pode estar montado ou não no cavalo.

O atendimento equoterapêutico conforme os documentos analisados só podem iniciar mediante parecer favorável em avaliação médica, psicológica e fisioterápica. Além disso, o tratamento prossegue com um acompanhamento periódico e sistemático da evolução do trabalho, através de registros diários. Ao final da sessão, ocorre um diálogo, um retorno aos pais ou responsáveis.

1.2 História da equoterapia

A utilização do cavalo com fins terapêuticos, segundo a ANDE/Brasil (1999),

não é uma descoberta recente, pois já em 3000 a. C. foram encontrados registros de uns primeiros textos pedagógicos, escritos pelos Mestres Hititas, na ciência Árabe, relatando os benefícios da disciplina equestre.

Na mesma direção Hipócrates de Loo, em 485-370 a.C., no livro “Das Dietas”, indicava a equitação com o intuito de “regenerar a saúde e preservar o corpo humano de muitas doenças, mas sobretudo para o tratamento da insônia”. Além disso, afirmava que a “equitação praticada ao ar livre faz com que os músculos melhorem o seu tônus”. (CITTERIO-NICOLAS, 1999)

Da mesma forma, a equoterapia, em 124 a.C, já era recomendada para pacientes caquéticos, gotosos, hidrópicos, epiléticos, paralíticos, apopléticos, letárgicos, frenéticos e também para os acometidos de febre terçã. A técnica da equitação foi recomendada por um médico ao imperador Marco Aurélio, como forma “de fazer com que ele se decidisse com mais rapidez, visto que o imperador era um pouco lento nas suas decisões”. (ANDE/BR, 1999, p. 1)

Na mesma perspectiva, Thomas Sydenham, em seu livro “Tratado sobre a gota”, aconselhava, desde 1681, a prática diária do esporte equestre para fortificar e reanimar o sangue e a mente montando diariamente e fazendo longos passeios ao ar livre como tratamento ideal para tuberculose, cólicas biliares e flatulência, sendo um exercício valioso para preservar a saúde dos militares. (ANDE/BR, 1999)

No material da Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-BR 1999), Samuel Quelmaz (1747) e Benevenuto (1772) fazem referência pela primeira vez ao movimento tridimensional do dorso do cavalo como restabelecimento da saúde com a prática. Afirmam ainda que “a equitação, além de manter o corpo são e de promover diferentes funções orgânicas, causa uma ativa função terapêutica”. (p. 3)

Após a Primeira Guerra Mundial, o cavalo entrou definitivamente na área da reabilitação, sendo empregado como instrumento terapêutico nos soldados sequelados do pós-guerra. Os países escandinavos foram os primeiros a utilizá-lo com tal finalidade, obtendo resultados muito satisfatórios, o que estimulou o nascimento de outros centros terapêuticos na Alemanha, França e Inglaterra.

Para tratar os feridos da primeira guerra mundial, em 1917, funda-se na Inglaterra o primeiro grupo de Equoterapia no Hospital Universitário de Oxford, com

o intuito de lazer e término da monotonia do tratamento.

No Brasil, em 1989, o general de Cavalaria, Ary Carracho Horne, e o coronel de Cavalaria R1, Lélío Cirilo de Castro, fundam a Associação Nacional de Equoterapia – ANDE/Brasil, na cidade de Brasília-DF.

O 1º Encontro Nacional de Equoterapia, ministrado pela Dra. Danièle Nicolas Cittério, diretora da Escola Nacional da Associazione Nazionale Italiana di Riabilitazione Equestre - ANIRE, com sede na cidade de Milão, acontece em Brasília, no ano de 1991.

No ano de 1999, na cidade de Brasília, foi realizado o 1º Congresso Brasileiro de Equoterapia. Em 2001 teve início o 1º Curso de Pós-Graduação, em nível de Especialização *Latu Senso*, em Equoterapia, na Universidade de Brasília, na Faculdade de Educação Física, com apoio da ANDE/Brasil. E no ano de 2002, na cidade de Jaguariúna, no estado de São Paulo, foi realizado o 2º Congresso Brasileiro de Equoterapia.

1.3 Legislação normativa

A equoterapia possui uma legislação própria definida pela Associação de Equoterapia (ANDE/Brasil), uma sociedade civil, de caráter filantrópico, terapêutico, educativo, cultural, desportivo e assistencial, sem fins lucrativos, com atuação em todo o território nacional, tendo sede em Brasília- Distrito Federal. É uma entidade de consultorias técnicas em Equoterapia da Sociedade Brasileira de Medicina Física e de Reabilitação.

A ANDE (id) traz algumas regras estatutárias para a técnica equoterapêutica, portanto não se trata de montar no cavalo e afirmar que está desenvolvendo a terapia. Suas atividades estão baseadas em fundamentos técnico-científicos:

O atendimento só poderá iniciar após parecer favorável em avaliação médica, psicológica e fisioterápica. As atividades devem ser desenvolvidas por uma equipe interdisciplinar que contenha o maior número possível de participantes das áreas da saúde, educação e equitação.

As sessões podem ser grupais ou individuais, porém o planejamento e o

acompanhamento devem ser individualizados, para que seja possível perceber e avaliar os resultados obtidos através de registros periódicos e sistemáticos das atividades realizadas com os praticantes.

A ética profissional e a imagem dos cidadãos praticantes da técnica equoterapêutica devem ser preservadas.

O atendimento equoterápico deve ser filantrópico a fim de que possa atingir as classes com menor poder aquisitivo, para que não se torne uma prática para as classes mais favorecidas.

Em relação ao cavalo adotado para a prática da equoterapia, deve-se levar em consideração: a segurança física do praticante, os comportamentos habituais do cavalo e as circunstâncias que podem surgir a cada sessão, como os instrumentos utilizados durante o período, bem como os equipamentos de montaria correias, presilhas, estribos, selas e manta e os locais das práticas.

1.4 O cavalo

A Associação Nacional de Equoterapia (1999) traz o processo histórico da contribuição do cavalo no processo da evolução humana. Ao longo do tempo foi utilizado como meio de transporte, esporte, lazer entre outras funções.

Hoje, o equino já é percebido através de pesquisas como um agente na reabilitação e educação das pessoas com ou sem deficiências.

Os animais escolhidos para a prática equoterapêutica são dóceis, de porte e força, que se deixam montar e manusear, se tornam amigos, e o praticante da equoterapia cria com ele um relacionamento afetivo muito importante. Acaba sendo um amigo na vida das pessoas.

O cavalo é considerado, nessa perspectiva, um agente cinesioterapêutico, pedagógico e de inserção social, pois proporciona ao praticante uma relação harmoniosa, despertando no sujeito a vontade de trabalhar, para, juntos, alcançarem seus objetivos.

A fisioterapeuta do CEV, formada pela Universidade de Santa Cruz (UNISC),

no ano 2006, afirma que o cavalo é treinado para trabalhar na Equoterapia:

Num primeiro momento, escolhemos o cavalo e o levamos para um domador verificar se o animal é mesmo manso. Em seguida, treinamos o animal, utilizando diferentes materiais e colocando perto da rampa para que os praticantes possam subir. Pra escolher o Chocolate, analisamos mais de trinta cavalos.

Figura 2 - O Tornado, um dos cavalos da equoterapia.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2014)

2 TORDILHO NEGRO

[...] Tinha um cavalo tordilho negro foi mal domado ficou redomão.
Este gaúcho dono pingo, desafiava qualquer peão, dava o tordilho negro de presente
pra quem montasse sem cair do chão.
Eu fui criado na lida de campo, não acredito em assombração.
Fui na estância topar o desafio correu boato na população. [...]

(Teixeirinha- Tordilho negro)

2.1 Aproximações com a história da pedagogia

Para iniciar as discussões acerca da história da pedagogia, é necessário um retrocesso nas concepções de infâncias anteriores à qual nos deparamos hoje.

Partindo da ideia que até no século XIII a infância não existia perante os olhares adultocêntricos, a primeira interpretação de criança foi como um anjo. A segunda referência de criança está retratada na aparência de um rapaz muito jovem, significando a idade em que os meninos eram educados nos mosteiros para posteriormente auxiliar nas missas. Ariès (1981) ainda apresenta como o modelo e a primeira de todas as crianças pequenas o menino Jesus, uma dedução do adulto em miniatura. No final da idade Média, na Europa, surgiram condições para que a infância fosse inventada.

Anteriormente, as crianças eram vistas pelos adultos como miniadultos, trazendo gestos, o próprio vestuário, participando constantemente das atividades da

vida dos adultos e com eles, portanto não havia nenhuma diferença entre ambos, a não ser o tamanho. Até os dois anos, a criança era vista como tal, mas ao iniciar a oralidade e a independência já eram encaradas como adultos jovens. A mudança do sentimento de infância muda a partir de muitas mortalidades infantis, devidas às condições precárias de sobrevivência na Idade Média.

A educação das crianças na Idade Média era outro ponto de destaque, pois as crianças medievais aprendiam em casa, com os adultos, auxiliando os adultos nas tarefas domésticas, nas lavouras. Neste período não existiam instituições escolares a que as crianças pudessem ir para aprender, pois os adultos julgavam que a aprendizagem acontecia no contato direto entre crianças e adultos.

No Renascimento, um período da Idade Moderna, no final no século XVII, surgem grandes descobertas que reverteram o quadro de mortalidade infantil, e também surge a concepção que temos hoje de infância.

Conforme Sulzbach (2000)

O Renascimento foi uma época de grandes descobertas. Os pintores italianos descobriram a perspectiva. A infância, como ideia de uma época especial para cada ser humano, surge no mesmo tempo das grandes descobertas. Já não se morria tão facilmente e começava a valer a pena o investimento nesses seres tão frágeis. Para as crianças, inventa-se a infância quando decide-se deixá-las brincar, ir á escola, ser criança. (SULZBACH, 2000)

Nesta perspectiva trago para a discussão o surgimento da pedagogia, ciência que trabalha com a infância. No século XVII originou-se a pedagogia tradicional baseada em costumes conservadores, a qual possui uma prática de saber-fazer para atingir uma educação por eficiência através de métodos conservadores, prescritivos e ritualizados, que respeita e defende o método de ensino do século XVII. Essa tradição está baseada na ordem, que segue um modelo econômico.

Segundo Clemermont e Tardif (2010),

no século XVII, o contexto escolar muda e os hábitos de ensino em vigor se modificam. As escolas são então pouco numerosas, acolhem mais crianças e estas as frequentam de maneira um pouco mais assídua. Os mestres criam um novo saber- fazer para resolver os problemas diários. [...] Os docentes transmitem essas habilidades a seus sucessores que, por sua vez, as legam àqueles que os substituem. (CLEMERMONT; TARDIF, 2010, p. 176-177)

Com o intuito de contestar este modelo educativo, surge no século XX a pedagogia nova que se opõe à pedagogia centrada no mestre e seus conteúdos a transmitir aos seus alunos. Clemermont e Tardif (2010) ainda afirmam que pedagogia nova

se forma em uma oposição estreita à tradição: concentração de atenção na criança, suas necessidades e seus campos de interesse; definição do docente como guia etc.[...] a pedagogia nova situa a criança no centro das suas preocupações e se opõe a uma pedagogia tradicionalmente centrada no indivíduo. (CLEMERMONT; TARDIF, 2010, p. 116)

Estando num tempo de mudanças, no início de século XIX, poucas crianças tinham o acesso à escola. Já ao final desse mesmo século, a escola torna-se imprescindível, pois a instrução do povo é indispensável para o exercício do poder. Foucault (1995) apud Veiga Neto (2003) “o poder enquanto elemento capaz de explicar como se produzem os saberes e como nos constituímos na relação entre ambos”. (p. 66) Assiste-se assim à instauração de várias legislações para tornar o ensino primário obrigatório e gratuito.

A escola passou, neste contexto, a ser um meio de qualificar a mão de obra e de formar pessoas com experiência nas ciências e nas técnicas. A revolução industrial teve um papel fundamental para o aumento das exigências sobre o ensino primário. Para isso, foi necessária a criação de “salas de asilos” (escolas maternais) para que as mães pudessem trabalhar enquanto seus filhos ficavam assistidos por profissionais da pedagogia durante o horário do expediente.

Para quebrar com este conjunto de respostas, certezas e saberes estabelecidos, precisou-se repensar e colocar sob suspense afirmações que se estabeleceram e que continuam produzindo efeitos e sendo defendidas como verdades absolutas. Foi necessário transformar esta pedagogia num outro contexto. Denominou-se então pedagogia nova.

Tendo seu surgimento em contradição à pedagogia tradicional, a pedagogia nova tem como objetivo refletir sobre a criança antes de pensar a escola como o centro de tudo.

Para pensar na pedagogia nova, era preciso romper com o conceito de tradição já adquirido. Nesta perspectiva, a criança não é mais um miniadulto, mas

um ser integral, diferente do adulto, que tem as suas maneiras de pensar, sentir e agir. Conforme Cousinet (1965) apud Clemermont e Tardif (2010):

[...] a educação é obra da criança e não do mestre, pois a criança só tem de viver: “[...] A vida é para a criança – simplesmente porque ela é uma criança- compreensão e aprendizagem. Para aprender e compreender, ela só precisa viver. Para ela, a vida por si só é educação”. (COUSINET apud CLEMERMONT; TARDIF, 2010, p. 196)

Esta nova concepção baseia-se em interesses das crianças, aquilo que lhes permite desenvolver-se conforme seu tempo, suas individualidades e potencialidades. Para Chaparède (1958) apud Clemermont e Tardif (2010), “a educação funcional é aquela que responde às necessidades da criança. É preciso, ao contrário, que o mestre esteja à escuta daquilo que vivem e sentem os alunos”. (p. 197) Surgem, então, os projetos pelos centros de interesses. O foco não está na atribuição de notas e conceitos, mas no que realmente é do interesse da criança.

Surge, então, através de Maria Montessori uma nova perspectiva de pensar a educação e a criança. Montessori apud Clemermont e Tardif (2010) percebe a criança como uma fonte de desenvolvimento, de potencial e individualidades. Neste contexto o adulto é tido como ajudante no desenvolvimento do indivíduo. O adulto educador é importante, porque “retira os obstáculos no caminho do desenvolvimento” (p. 207), o que faz a criança ter liberdade de construção.

O papel deste adulto é de observar e compreender as necessidades da criança, trazendo para as discussões os interesses que permeiam as relações, tornando a criança protagonista de sua própria aprendizagem.

Para isso, cito o ato educativo de Maria Montessori apud Clemermont e Tardif (2010) que se fundamenta num acompanhamento do desenvolvimento da individualidade infantil. Uma abordagem que promove aprendizagens desde o início da vida escolar, pois acredita no desenvolvimento integral das crianças.

Um fator relevante para esta perspectiva é pensar sobre o ambiente no qual as crianças estão inseridas, desde o estímulo que este promove, ao modo como os sujeitos se relacionam com o meio. Sabemos que é necessária uma experiência, pois quando chegamos a algum lugar desconhecido, precisamos conhecer o mundo que nos rodeia, as pessoas com as quais vamos nos relacionar e as aprendizagens

que vão surgir.

Com o passar dos anos, o modo de se pensar a educação e seus conceitos sobre aprender e ensinar foram evoluindo e, conseqüentemente, se modificando. Sabemos que o conhecimento não está mais nas mãos do mestre, e sim, por toda parte. Nós, profissionais da pedagogia, precisamos observar e levar em consideração os diferentes espaços que surgem para produzir potencialidades, diferenças e singularidades e que não são vistos pela sociedade como espaços de aprendizagens, mas como correção das anomalias.

2.2 Espaço de atuação não-formal

Os espaços não formais da educação abrangem atualmente um vasto campo de atuação, como ongs, Apaes, oficinas, a própria equoterapia. Até pouco tempo atrás, os discursos traziam a escola como único espaço de ensino, hoje temos vários acessos à aprendizagem.

Libâneo (2005) apresenta três modalidades da educação, caracterizando-as do seguinte modo:

A educação informal corresponderia a ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, e que se desenvolve por meio das relações dos indivíduos e grupos com seu ambiente humano, social, ecológico, físico e cultural, das quais resultam conhecimentos, experiências práticas, mas que não estão ligadas especificamente a uma instituição, nem são intencionais e organizadas. A educação não formal seria a realizada em instituições educativas fora dos marcos institucionais, mas com certo grau de sistematização e estruturação. A educação formal compreenderia instâncias de formação, escolares ou não, onde há objetivos educativos explícitos e uma ação intencional institucionalizada, sistemática. (LIBÂNEO, 2005, p. 31)

A equoterapia é uma área de atuação do profissional da pedagogia fora da escola. É necessário romper com a ideia de que o espaço de atuação do pedagogo é somente a escola. Esse profissional está além de quatro paredes de uma sala de aula, ele surge com o intuito de pensar a educação.

Neste sentido, Libâneo (2005) refere-se à educação não formal como “aquelas atividades com caráter de intencionalidade, porém com baixo grau de estruturação e sistematização, implicando certamente relações pedagógicas, mas

não formalizadas.” (p. 89)

Figura 3 - É durante uma sessão de equoterapia com o praticante Nicolas com a fisioterapeuta Olga e seus auxiliares guias Igor e Daniel.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2014)

A relação entre o praticante e o profissional de equoterapia difere da relação entre professor e aluno, pois as experiências não-formais são o principal enfoque pedagógico e podem somar outras aprendizagens do sujeito. Conforme a terapeuta do CEV, “não se trata de trazer a sala de aula para cima do cavalo, é o cavalo que vai ser o assunto da questão para auxiliar na sala de aula”.

Conforme Gohn (2006), esta modalidade de educação visa:

por meio da aprendizagem de habilidades e/ ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltados para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc. (GOHN, 2006, p. 28)

Desta maneira, a aprendizagem vai surgir com a interação com os pares, ou seja, família, bairro, amigos, que carregam consigo valores e aprendizagens diferentes. Assim, o maior educador é o mundo, onde todos irão construir e dividir experiências com seus grupos.

Segundo Gohn (2006), a educação não-formal ocorre em ambientes diversos, as relações sociais são espontâneas, vão ocorrendo conforme gostos, preferências, relações de pertencimento. Os resultados não são quantificados, simplesmente acontecem a partir dos desenvolvimentos dos indivíduos. O que se espera da educação não formal é a organização grupal, a reconstrução de concepção de mundo, o sentimento de identidade, a adversidade, a valorização de si próprio, o aprendizado da diferença e o estranhamento.

A partir desta concepção, percebo o papel da equoterapia como um espaço que merece um olhar de valorização por ser um ambiente que promove diferentes aprendizagens. Na relação do praticante com o cavalo que traz um conjunto de atividades não escolares as quais contribuem com o processo de ensino aprendizagem dos sujeitos.

Os discursos que permeiam a equoterapia trazem tratamentos a partir de estratégias do Programa de Atendimento Equoterápico nos Distúrbios de Aprendizagem (PAEDA) para trabalhar com as crianças que apresentam, segundo um determinado padrão de normalidade, dificuldades de aprendizagem. Portanto, é preciso uma reflexão sobre estes discursos escolares.

2.3 Dificuldade de aprendizagens

Para iniciar as discussões acerca das dificuldades de aprendizagem, cito uma referência de Lopes (2003):

no século XIX, que Mery (1985) aponta como o século em que teve início o interesse por compreender e atender portadores de deficiências sensoriais, debilidade mental e outros problemas que comprometessem a aprendizagem (p.11). Segundo essa autora, no final do século XIX, educadores como Jean Itard (1774 –1838), Pereyre, o suíço Pestalozzi (1746–1827) e Seguin começaram a se dedicar às crianças que apresentavam problemas de aprendizagem em razão de vários tipos de distúrbios. Mery (Id.) aponta esses educadores como pioneiros no tratamento dos problemas de aprendizagem, destacando, porém, que eles se preocupavam mais com as deficiências sensoriais e a debilidade mental

do que propriamente com a desadaptação infantil. (LOPES, 2003, p. 21)

As dificuldades de aprendizagem são um dos temas que vêm sendo debatidos atualmente na educação, pois apresenta maneiras de se classificar e padronizar sujeitos que, por motivos variados, possuem ritmos diferentes para aprender.

Lopes (2003) diz que os discursos

sobre as “dificuldades de aprendizagem” variam historicamente, produzindo sujeitos diferentes, segundo os padrões de “normalidade” constituídos por aqueles discursos. Ou seja: com a mudança dos discursos, as técnicas de controle utilizadas para medir e enquadrar as “dificuldades de aprendizagem” variam historicamente, produzindo sujeitos diferentes, segundo os padrões de “normalidade” constituídos por aqueles discursos. (Ibidem, p. 14)

Pode-se perceber que estes discursos sobre as dificuldades de aprendizagens não são produtos de agora, mas possuem um processo histórico que vem se intensificando como discurso da escola.

Estes discursos vêm padronizando os sujeitos que estão fora do conceito de normalidade. Com este significativo aumento, proliferam-se as clínicas de recuperação e ajustes daqueles que são considerados anormais. Quem vem ditando estes problemas, segundo Lopes (2003) inclusive os de aprendizagens, são os médicos, estes estão ocupando uma posição de verdade, criando saberes, descrevendo sintomas e receitando soluções terapêuticas.

A escola não permite que as diferenças sejam vistas como positivas, estipulando assim um tempo para a aprendizagem do aluno, a fim de poder classificá-lo como lento, rápido, aprendente ou não aprendente. Isso pode causar a evasão, a repetência por anos e anos, ou ainda a desistência do aluno por um conceito dado pela escola a um aluno fracassado.

Nosso papel como educadores é colocar sob suspeita as verdades que permeiam nossos alunos em relação às dificuldades de aprendizagem, pois se cada professor percebesse o ritmo de seus alunos, cada criança poderia ser potencializada na sua singularidade.

Lopes (2004) afirma que:

Não conseguir aprender em tempo igual ou semelhante que os colegas, não conseguir permanecer sentado por longos períodos de aula, não tirar a média mínima nas avaliações para poder ser aprovado, não conseguir atingir objetivos mínimos pré-definidos na escola para serem desenvolvidos em um ano letivo e não tolerar a invenção de sua incapacidade, reagindo através de comportamentos que são lidos como indisciplina, são alguns dos exemplos de produção vividos nas escolas pelos alunos que buscam em serviço de apoio pedagógico uma chance de não sair e nem mesmo reprovar na escola. (LOPES, 2004, p. 3)

Conforme Lopes (2004), a escola, ao longo da sua história, propôs práticas e várias estratégias para transformar aqueles que eram vistos como “um selvagem” em “um humano” Rousseau, (1999) apud Lopes (2004). No século XVII, Comenius dizia que o ser humano era educável. No século XVIII, Kant defendia o disciplinamento e a instrução, elementos essenciais para o desenvolvimento daquele que aprende.

É necessário tomar consciência de que, independentemente das diferenças apresentadas pelos alunos, são indivíduos da educação que possuem o mesmo direito de frequentar a rede regular de ensino. Assim, o mais importante e necessário é mudar a forma como olhamos e designamos o que cada um é, ou seja, deixar com que as crianças ocupem outros papéis dentro da escola.

Lopes (2004) diz que:

[...] “posições de aprendizagem” remete à possibilidade de, através da centralidade da cultura, entendermos que somos constituídos por tramas discursivas. [...] pela expressão “posições de sujeito” estamos investindo política e pedagogicamente em uma educação que pode olhar de outras formas para aqueles ditos não-aprendentes. [...] isso significa entender o sujeito de outras maneiras, abrindo outras possibilidades de produção de saberes e de trabalhar pedagogicamente com ele. (Ibidem, p. 5)

A função do educador é problematizar os discursos que circulam entre os pareceres do aluno, que papel além do “não aprendiz, do lento, incomodativo e hiperativo” ele pode ocupar na escola. Acredito que devemos nos perguntar o que significa o conceito de normalidade antes de definir e enquadrar os sujeitos. Lopes (2004) diz que este é um interesse mais científico do que pedagógico.

Lopes (2004) afirma:

[...] dentro de um campo de saber científico, o descrevem e o constituem como alguém problemático e que merece atendimento diferenciado para que possa aprender como a maioria dos alunos aprende [...] lugares e

posições sociais que o sujeito ocupa no espaço e no tempo. [...] é um desafio que nos possibilita trabalhar dentro de uma concepção pedagógica que se articula a um campo de lutas culturais e de disputas pelo direito de narrar-se e de narrar o outro. (LOPES, 2004, p. 6)

É necessário pensar nas condições culturais que envolvem os processos, que são identidades antes de qualquer outro saber. São sujeitos que possuem diferentes maneiras de pensar, sentir e agir. Conforme Lopes (2004, p. 6), “a concepção de sujeito, a partir da centralidade da cultura, exige a compreensão desta como uma invenção que se dá a partir do olhar do outro e de si sobre si”. É a partir da diferença que se forma o sentido, a noção de pertencimento a um grupo e não pertencimento a outro. Assim, se pode identificar alguém como não-aprendente se o outro é identificado, denominado, reconhecido e legitimado como aprendente.

O sujeito, dessa forma, é observado e narrado pelos saberes médicos por aquilo que ele é, colocando-o dentro de um padrão de anormalidade que deve ser medicado e, para isso, deve também ser separado dos demais, como, por exemplo, as aulas de reforço em que ele deve atingir uma média de saber em relação a sua turma.

Tais padrões consistem entre o certo e o errado, o bem e o mal, o belo e o feio, o normal e o anormal, o que aprende e o que não aprende são classificações fortemente dominantes das práticas escolares.

A escola está centrada em práticas de classificação conforme um padrão de normalidade, portanto o grande desafio da educação é quebrar este discurso. Lopes (2004) afirma que:

[...] pensar que os “diferentes” não possuem déficits de aprendizagem, mas aprendem de uma forma peculiar e que, mais do que fazer diagnósticos, precisamos problematizar e negociar outras representações para esses sujeitos. [...] pensar e ver como legítimas outras formas de ensinar e aprender indicadas pelos próprios sujeitos, forjados nas relações com esses grupos culturais. [...] desmonte de seus tradicionais currículos e listas de conteúdos. (Ibidem, p. 9-10)

Muito mais do que respeitar as diferenças é refletir sobre, não apenas para escrever nos pareceres pedagógicos e, posteriormente, encaminhar a psicólogos, psicopedagogos, fonoaudiólogos, neurologistas, entre outros, mas pensar sobre os sujeitos que são classificados todos os anos, todos os dias como aprendentes ou

não-aprendentes. O educador deve reavaliar o seu conceito sobre normalidade e respeitar o ritmo de cada aluno.



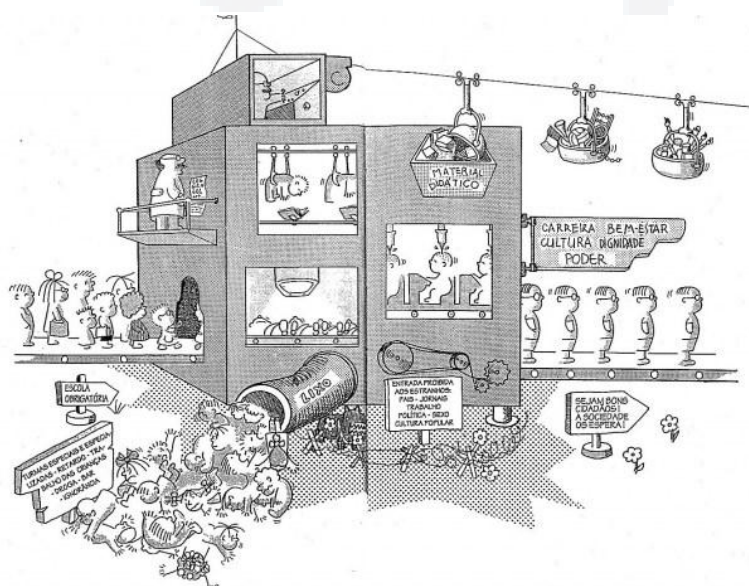
3 UM BAGUAL CORCOVEADOR

3.1 Saberes científicos- ciência da correção- disciplina do corpo- normatização

Durante a época clássica, o corpo torna-se uma descoberta como alvo de poder, isto é, ele é manipulável, ou seja, obedece, responde e é treinado facilmente para mostrar e comprovar resultados e forças que se multiplicam.

Sendo algo manipulável, um corpo dócil é submetido a formas de normatização para se enquadrar aos padrões exigidos pelas sociedades. Esse papel de adestramento que se dá à escola pode ser observado na charge abaixo:

Figura 4 – A grande máquina escolar.



(1970) A grande máquina escolar

Não penso que este discurso de docilidade é dos tempos atuais, pois desde o século XVIII fala-se sobre estas questões. O principal objetivo é domesticar o ser humano considerado selvagem perante uma sociedade. Para modificar esta concepção de controle sobre os indivíduos, são necessários métodos. Assim criou-se o termo disciplina que visa a relações de docilidade e de utilidade.

Para Foucault (2007), a disciplina é uma técnica de colocar em fila e transformar os arranjos, ela individualiza e distribui os corpos numa rede de relações. Essas redes que preconizam as disciplinas, além da escola, são os conventos, os exércitos, as fábricas, os hospitais que, no decorrer do século XVII e XVIII, adquiriram formas de dominação do corpo. Há também um significativo aumento do domínio de cada um sobre seu próprio corpo.

Foucault (2007) afirma:

[...] A fábrica parece claramente um convento, uma fortaleza, uma cidade fechada, o guardião “só abrirá as portas à entrada dos operários, e depois que houver soado o sino que anuncia o reinício do trabalho”, quinze minutos depois, ninguém mais terá o direito de entrar; no fim do dia, os chefes de oficina devem entregar as chaves ao guarda suíço da fábrica que então abre as portas. É porque, à medida que se concentram as forças de produção, o importante é tirar delas o máximo de vantagens e neutralizar seus inconvenientes [...] (Ibidem, p. 138)

Para que se possam tirar vantagens dos corpos a um significativo aumento do domínio de cada um sobre seu próprio corpo, se antes o corpo era punido na sociedade de controle de Foucault, na perspectiva Deleuziana se pune a alma. Podemos pensar como se anteriormente se punia o corpo nas escolas com castigos corporais. No século XXI isso não ocorre mais, mas pune-se a alma do indivíduo com cartazes de carinhas tristes e alegres, recompensas. Essas atitudes fazem com que os sujeitos se policiem, em outras palavras: “para ganhar tal coisa, preciso agir de determinada forma”.

Em relação ao sistema educacional, podemos pensar o controle a partir das fileiras que visam o olhar do mestre que fica à frente da turma para controlar e dominar todos. Foucault (2007, p. 141) diz que “A ordenação por fileiras, no século XVIII, começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: filas de alunos na sala, nos corredores, nos pátios”. Esta é uma forma de poder entre líder e liderados que são classificados pelas idades, turmas,

desempenhos e comportamentos a fim de definir o seu espaço.

Conforme Foucault (2007)

A organização de um espaço serial foi uma das grandes modificações técnicas do ensino elementar. Permitiu ultrapassar o sistema tradicional [...]. Determinando lugares individuais, tornou possível o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos. Organizou uma nova economia do tempo de aprendizagem. [...] o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas de vigiar, de hierarquizar, de recompensar. (Ibidem, p. 142)

Nessa perspectiva, começa-se a pensar em tempo útil, um tempo que deve ser aproveitado o máximo para que possam produzir efeitos positivos no corpo do indivíduo. Sendo bem aproveitado, o corpo será disciplinado. A escola mútua é um exemplo de utilização de tempo, pois antes o mestre dominava tudo e todos, neste modelo de ensino eram os monitores que conduziam os demais colegas.

Foucault (2007) vai dizer que o corpo é alvo de novos mecanismos do poder e saber, e isso vai gerar ajustes de tempos para todos. Todos terão que aprender a ler e escrever num determinado tempo. Este tempo é determinado pela escola e não pelos indivíduos.

Para se adequar à sociedade, o corpo dos indivíduos passa por inúmeros métodos de docilidade, para que possam tornar-se úteis para a escola. Nessa concepção, a escola é considerada uma maquinaria de subjetividades, como foi possível observar na charge acima citada. A criança entra de um jeito na escola e, ao final, deve sair padronizada para a sociedade. O objetivo da escola nessa perspectiva é domesticar os indivíduos para que eles saibam viver em sociedade.

4 DEVIR CRIANÇA – POTENCIALIZANDO A EDUCAÇÃO MENOR

Enquanto existir cavalo mais brabo que um temporal eu vou andar
gineteando por este mundo bagual
[...] Tenti-ei levantar no freio mas era tarde de mais eu vi
uma poeira fina formando nuvens pra trás, berrando foi à cerca,
cruzou pro lado de lá parecia uma tormenta
cruzando em Massambará. [...]

(Walter Morais- Um bagual corcoveador)

O conceito do devir criança está ligado ao processo criativo pelo qual as minorias se metamorfoseiam e escapam do controle social, ou seja, acabam se sobressaindo aos padrões adotados pela sociedade como verdade absoluta. Esta é, pois, uma nova maneira de pensar a educação dos indivíduos que adotam estas “*linhas de fuga*”, que são novas maneiras de sentir, de pensar e de valorizar o indivíduo como ser único. Deleuze apud Jódar e Gómez (2002, texto digital)

[...] encontra na “criança” do “devir-criança” uma ordem e um guia de experimentação que escapa à imagem Homem que nos represa e nos sobrecodifica. [...] “o primeiro dado de uma sociedade é que nela tudo vaza, tudo se desterritorializa. [...] Utilizamos “criança”, pois, como figura para entender essas fugas, desterritorialização ou linhas de fuga que “se dão por todos os lados” que “constituem seu rizoma ou sua cartografia” e que “os dispositivos de poder querem represar, estancar”. (DELEUZE apud JÓDAR; GÓMEZ, 2002, p. 34, texto digital)

Essa concepção me convida a sair do já pensado e do já sentido, para construir outros caminhos que ainda não foram definidos. Para isso chamamos a

experiência para ser nosso sustento, pois é através do corpo que poderemos criar outras formas de fazer, quem sabe a própria educação.

Neste sentido, apresentamos os três modos de pensar o tempo trazido pelos gregos. Para os estudiosos, existem três palavras para designar a palavra tempo. O tempo *chrónos*, que é sinônimo de tempo cronológico, aquele que contém uma numeração, um antes e um depois, um hoje e amanhã. Aquele que é o resultado de uma adição do passado, do presente e do futuro, sendo o agora o limite entre o que já foi e que não é mais, ou que ainda não foi e, conseqüentemente, não é, mas pode ser.

Outra designação dada pelos gregos ao tempo é o tempo *kairós*, cujo significado é de medida, de proporção, de um momento crítico, de uma temporada e de uma oportunidade. Este tempo serve para nos retirar da zona de conforto, do vivido, do pensado e do já feito.

O terceiro tempo pensado pelos filósofos gregos está na palavra *aión*, que traduz uma intensidade do tempo de uma vida humana, algo não contável, medido e numerado, simplesmente vivido. Algo que se sente na pele e não na cabeça.

Este modo de pensar o tempo, o tempo aiônico, é se conecta com o poder e a infância. Kohan (2007) afirma que “aión é uma criança que brinca” (p. 86). Quando a criança brinca ela está em outro tempo, não no cronológico e sim no aiônico do movimento da intensidade.

O tempo aión pode ser pensado como um devir, como as linhas de fuga e as minorias, devido às experiências, os próprios acontecimentos que interrompem que criam novas, outras formas de ver, sentir e agir. As potências que não podem ser agrupados e numeradas, não apresentam modelos e, o mais importante, estão sempre em processos.

Os educadores seguidores dessa perspectiva pensam no educar de outra forma e não na forma de repetição, mas como uma possibilidade de outras experiências e vivências. Deleuze apud Jódar e Gómez (2002, texto digital) afirma que:

Devir é um processo. Até mesmo quando é uma criança quem devém, ela entra em um devir- criança, pois devir não é reivindicar um estado já codificado e identificado; tampouco é chegar a alcançar um estado

predefinido e reivindicado por meio da cópia, do adestramento ou da imitação. Devir- criança é, pelo contrário, entrar em um zona de vizinhança e indiscernibilidade na qual não seja possível distinguir-se de uma criança. [...] Trata-se de uma singularidade em sua expressão mais elevada. (DELEUZE apud JÓDAR; GÓMEZ, 2002, p. 35, texto digital)

A criança do devir é sujeito da educação, é uma possibilidade de outra educação que está baseada na experimentação, é uma forma de trazer diferentes maneiras de se pensar e viver a educação, seja aquele que vive ou aquele que também educa.

Nesta concepção, o corpo é tido como experiência de encontro, de liberdade e de seus limites, uma possibilidade de desformalização. É uma construção de uma vida baseada em intensidades e em fluxos estipulados pelos próprios indivíduos. Deleuze apud Jódar e Gómez (2002, p. 38, texto digital) diz que “as intensidades não apenas ocupam o espaço sem contar nem medir, mas também sustentam os trajetos e conectam o distante”.

Figura 5 - Nicolas praticante do CEV na sessão de equoterapia.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2014)

Portanto, o devir é uma potência que incentiva a infinitude, pois está além de marcadores, medidores e padrões, está nas vivências e experiências de cada indivíduo, que as sente de uma forma. Cada indivíduo vai sentir de uma forma a intensidade, mas todos vão sentir algo diferente perpassar pelo corpo. Este é o objetivo do devir-criança: proporcionar aos sujeitos momentos de intensidades que passam, mas deixam vestígios.

Desta forma, Deleuze apud Jódar e Gómez (2002, texto digital) afirma que:

[...] “infância” – não é uma época da vida, não é algo que passa e deixa de estar presente, mas “esse movimento que arrasta a língua e traça sempre um limite diferido da linguagem”, movimento que está sempre no discurso, mas que não se deixa escrever na escrita, que escapa à formalização. (Ibidem, p. 41, texto digital)

Podemos pensar a língua menor como algo que surge por um acaso, pelo simples ato de desejo de expressão, não visa a regras de ortografias e padrões estabelecidos pela sociedade, simplesmente é aplaudida e vivenciada, pois é uma criação. Pode ser estrangeira ou desconhecida, mas é a maneira criada pela criança para vivenciar um discurso.

O currículo pode ser encarado como uma língua menor, pois é algo que Deleuze apud Jódar e Gómez (2002, p. 41, texto digital) vai chamar de “campo arriscado de decisões e recriação”, pois é algo que consiste num aprender que não existe sem o devir-criança.

O devir-criança vai surgir de uma língua menor, de algo que é inesperado, desconhecido, que surge das vivências e experiências com o intuito de quebrar barreiras binárias, que consistem em classificações para enquadrar todos num determinado tempo e espaço.

É uma forma de receber novos seres com seus encantos no mundo dos adultos para corrigir a sociedade da falta de vivência e experiência, algo extremamente presente na vida infantil. Este novo ser é responsável por ensinar os adultos a verem a vida de outra forma. Este devir-criança da educação mobiliza o outro da pedagogia, pois mostra possibilidades de pensar além do já pensado, faz com que educadores renovem formas de pensar e viver a educação.

Figura 6 - Praticante Willian durante uma sessão de equoterapia.



FONTE: Acervo pessoal da pesquisadora (2014)

5 METODOLOGIA “ GINETE E PICO”

Vento, cavalo e peão, marcas de cascos no chão,
fronteiras sem marcação nosso ideal meu rincão.

(Pedro Ortaça - Gritos de Liberdade)

Com o objetivo de pensar a equoterapia, não como uma ciência da correção, da disciplina do corpo que visa normatizar o sujeito, mas como uma equopedagogia que potencialize as diferenças, as alegrias e os bons encontros, foram realizadas observações e entrevistas, com integrantes e pais dos praticantes do CEV, em um município do Vale do Taquari/RS.

Esta é uma pesquisa bibliográfica e documental, em que foram utilizados documentos e entrevistas fornecidas pelo CEV. Para Lakatos (1983), a pesquisa bibliográfica leva em consideração todos os materiais já publicados, como revistas, publicações avulsas e impressas e livros. O objetivo da pesquisa bibliográfica é confrontar o pesquisador e as informações que o rodeiam.

Conforme Lakatos (1983) a pesquisa de campo utiliza como técnica “a entrevista e a observação.” (p. 44) Nesta perspectiva, a saída de campo foi realizada no CEV, que atua nas cidades de Cruzeiro do Sul e Venâncio Aires, estão ampliando o atendimento para outros municípios do Vale do Taquari/RS.

Conforme Lakatos (1983, p. 107) a observação “utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e

ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar”.

Em relação à entrevista Lakatos (1983, p. 107) afirma “É uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistador, verbalmente, a informação necessária.”

Para a aplicação da entrevista foi solicitada uma autorização dos pais através do termo de consentimento livre e esclarecido. Num primeiro momento, nos encontramos para que eu explicasse como procederia com a pesquisa.

Para compor a metodologia foram realizadas entrevistas (ANEXO A) gravadas, e depois transcritas para facilitar a compreensão, com dez pais dos praticantes da equoterapia e com três profissionais do Centro Vida (ANEXO B). As entrevistas ocorreram com os pais, devido à maioria dos praticantes possuírem dificuldades para se expressar, outros por serem muito pequenos, ou pelas deficiências que dificultam a comunicação.

As entrevistas ocorreram individualmente. Através das perguntas norteadoras (ANEXOS), os pais discorreram sobre o assunto. Nas falas apresentadas, cada participante revelou argumentos particulares sobre a técnica equoterapêutica.

Desta forma, a pesquisa seguiu uma abordagem de aproximação genealógica, que busca examinar o processo, um conceito de Nietzsche discutido em Veiga Neto (2003) que não se interessa em buscar a origem, mas em escutar e descrever outra história que já foi escrita, pensada, ditada por vários discursos. Pode ser vista como um modo de entender, ver, e uma perspectiva de trabalho sobre determinado assunto.

A genealogia possui um conjunto de procedimentos que além de conhecer o passado também nos questiona sobre o presente. Trata-se de uma pesquisa investigativa que não apresenta, segundo Veiga Neto (2003, p. 71), “terrenos firmes, senão areias movediças, fragmentos, omissões e incoerências que haviam sido deixados de fora pela história tradicional”.

6 ANÁLISE “TÔ VOLTANDO PRA FICAR”

Esta noite encilho o pingo e eu sei que eu vou chegar,
pra beijar minha mãe velha, minha prenda e meus piás.
Com meu pai vou jogar truco na sombra de uma figueira to distante da
campanha não posso mais aguentar.
Vou rever meus amigos, tomar um trago lá na venda,
mandar a saudade embora eu tô voltando pra ficar [...].

(Tô voltando pra ficar- Monarcas)

A pesquisa foi realizada no Centro de Equoterapia Vida (CEV) num município de pequeno porte do Vale do Taquari/RS no primeiro semestre de 2014. Foram analisadas matérias jornalísticas, observações das sessões, entrevistas com os pais dos praticantes, o que formou o campo empírico do trabalho.

Através dos materiais obtidos, pude constatar que a técnica de equoterapia apresenta em seus discursos palavras e expressões que remetem à questão médica e pedagógica.

Analisando as nove matérias jornalísticas, destaca-se a presença de saberes médicos que utilizam expressões como atividades terapêuticas, terapia, atendimentos, pacientes, tratamento, reabilitação para designar a importância ou indicação para a técnica de equoterapia.

Conforme Thoma (2011)

A presença do saber médico é marcada nos discursos escolares por meio de descrições, classificações, diagnósticos e tratamentos a que são submetidos os sujeitos anormais. O saber médico mostra-se recorrente nos relatórios e nas explicações sobre a não aprendizagem dos sujeitos. (THOMA, 2011, p. 45)

Em relação ao pedagógico, pode-se ver que existem expressões que se referem à pedagogia, tais como: projetos, aprendizagem, promover, crianças com deficiências físicas ou mentais, conhecimentos, integrar, vivenciar, oportunizar, avaliação, desenvolvimento, espaço.

Segundo Hank (2006, texto digital)

O ambiente, com ou sem o conhecimento do educador, envia mensagens e, os que aprendem, respondem a elas. A influência do meio através da interação possibilitada por seus elementos é contínua e penetrante. As crianças e ou os usuários dos espaços são os verdadeiros protagonistas da sua aprendizagem, na vivência ativa com outras pessoas e objetos [...] (HANK, 2006, p. 2, texto digital)

Ao analisar as entrevistas realizadas com três profissionais do CEV, foi possível perceber que apresentaram mais expressões médicas para designar a técnica equoterapêutica através dos discursos: atendimento, terapêutica, tratamento, indicação médica, diagnóstico fechado, hipótese diagnóstica.

Conforme Freitas (2009) apud Thoma (2011)

O conceito de diagnóstico pode trazer inúmeras conformações, dependendo da teoria e /ou do tempo histórico em que se constitui. Um diagnóstico elaborado com cuidado é interessante e necessário. O diagnóstico é importante para poder tratar, mas existem outros que selam, que aprisionam. É o modo de usá-lo que estabelece sua pertinência, ou mesmo sua inconveniência. O que é necessário combater é o uso irresponsável do diagnóstico. O diagnóstico traduzido em rótulo desencadeia dispositivos de armadura. (FREITAS apud THOMA, 2011, p. 45)

Em relação à questão pedagógica, nas falas obtidas com os pais dos praticantes relacionam a prática a cavalo com brincar, interação, vinculação, brincadeira, relação, crianças, família, mediar, vivências e experiências, avaliação.

Refletindo sobre as entrevistas gravadas com os pais dos praticantes, observei mais saberes médicos do que pedagógicos. Analisando as palavras relatadas aparecem repetidamente: melhora, postura, andar corretamente, terapia,

exercícios, atendimento, fisioterapeuta, diagnóstico, triagem. Cito a fala de uma cuidadora, para refletir sobre os discursos equoterapêuticos.

Pra Giovana, que ela não tem nenhuma deficiência, é uma coisa mais lúdica pra ela conviver com os animais, é um prazer praticar a equoterapia, e vejo que ela ficou mais confiante, segura, até com os animais pra ter contato. Eu vejo a postura dela.

Mesmo que a técnica de equoterapia não seja procurada para exercer função de terapia, ela acaba caindo neste discurso médico, o que acaba por aniquilar a diferença que este momento possui para a praticante de equitação lúdica.

Na mesma direção, Thoma (2011) ainda observa nesta variedade de atendimentos e procedimentos uma suposta melhora ou evolução dos sujeitos, afirmando que eles retornam mais tranquilos e equilibrados para a escola. Os alunos são sujeitados a vários atendimentos especializados para desenvolver tranquilidade, concentração e equilíbrio.

Thoma (2011) afirma que:

Esse aluno frequenta diferentes espaços educativos e terapêuticos, é atendido por uma variedade de especialistas e transita entre a escola, as clínicas, os atendimentos psicológicos, as oficinas pedagógicas, os centros de recuperação, etc. (Ibidem, p. 51)

A questão pedagógica apareceu em palavras como desenvolvimento, criança, idade, contato com o ambiente, brincar, sentimentos, vontades, cantam música, desenvolvimento social e cognitivo, APAE, projeto, gostar, adaptar, relacionamentos.

Nas sessões observadas, constatei grande presença de exercícios fisioterapêuticos, tais como alongamentos, posição postural, fortalecimento de músculos, enfim, mais saberes médicos.

Na mesma perspectiva, Thoma (2011) diz que a:

[...] rede de poderes e saberes que agem sobre os sujeitos anormais, moldando e normalizando suas condutas, suas formas de ser e de relacionar-se consigo mesmos e com os demais. [...] estratégia da racionalidade governamental atual para evitar que os sujeitos anormais se tornem ameaça ou “peso” para a sociedade. (THOMA, 2011, p. 53)

Ainda em relação às entrevistas, pude observar que existem momentos pedagógicos que permeiam as sessões de equoterapia, momentos de escapes sociais em que as crianças vivem momentos intensos ao lombo do cavalo, um tempo que não é medido e planejado, simplesmente acontece e perpassa o corpo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS “GRITOS DE LIBERDADE”

Sendo a equoterapia um espaço não formal, discuti aqui uma colocação a partir das observações realizadas durante o semestre. Minha intenção não foi de estabelecer o que é certo ou errado, mas trago uma situação, pensando o Paeda, que apresenta em seus discursos estratégias para as dificuldades de aprendizagem, mas acaba caindo em questões trabalhadas em sala de aula, como, por exemplo, as letras, sendo que o principal recurso pedagógico nesta concepção é o cavalo. Cito uma fala do profissional do CEV quando se refere às estratégias do Paeda: “não traz a sala de aula ao cavalo, o cavalo é o meio de trabalho, então é o cavalo que é questionamento das estratégias”.

Figura 7 - Praticante Emily durante a sessão de equoterapia.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2014)

Através das categorias analisadas ficou evidente o saber médico na técnica de equoterapia. A partir desta perspectiva, trazemos para a discussão este corpo que é visto pela sociedade que está o tempo todo definindo e enquadrando os sujeitos.

Foucault apud Corrêa e Prevê (2011), considerando a escola como uma instituição disciplinar, traz em sua composição algumas técnicas de coerção e enquadramento do tempo e do espaço, analisando os movimentos de cada sujeito, visando uma docilidade- utilidade destes corpos.

Todo tempo estamos sendo controlados por um saber que nos avalia e nos classifica conforme um padrão estabelecido pela sociedade. Mas trazemos para a reflexão os discursos que rodeiam a escola.

Pensando sobre estes discursos escolares, Corrêa e Prevê (2011) veem a escola como uma normatização dos sujeitos. Essa escola usa de dispositivos disciplinares como notas, provas, caderno de registros, cadernos de reforços, que possuem o poder de definir e classificar cada aluno como isso ou aquilo.

Na mesma perspectiva, Gallo (2000) afirma:

No currículo disciplinar, tudo pode ser controlado: o que o aluno aprende com que velocidade o processo acontece e assim por diante. Tudo pode ser avaliado: o desempenho do aluno, a „produtividade“ do professor, a eficácia dos materiais didáticos, etc. Da mesma forma, todo o processo pode ser metrificado, e o desempenho do aluno traduzido numa nota, às vezes com requintes de fragmentação incorporados no número de casas decimais. (Ibidem, p. 17)

Pensando na equoterapia que se sustenta com os saberes médicos que trazem argumentos de correção, busca por “melhoras”, cito a fala de uma mãe para justificar o poder do discurso “o que a gente quer é uma melhora no desenvolvimento dele, na postura, esperamos uma melhora pra ele andar, né”.

Thoma (2011) vai dizer que:

[...] Os indivíduos a corrigir são submetidos a uma aparelhagem de normalização composta por diferentes instituições e também por diversos profissionais, todos empenhados em normalizar os sujeitos, pois sua correção passa a ser condição para sua vida em sociedade. [...] garantir a segurança da população, se estabelece toda uma rede de instituições para o controle, a condução e normalização do indivíduo anormal. (THOMA, 2011, p. 53)

Analisando com um olhar pedagógico, trazemos como discurso possibilidades, diferenças, bons encontros, para deixar ao vento o que mais, a equoterapia pode ser, além de uma terapia a cavalo.

Portanto, a equopedagogia pode ser pensada como um bom encontro entre os praticantes e o cavalo, bem como a interação entre seus pares, além de momentos vivenciados com intensidades. A técnica a cavalo pode ser pensada hoje como uma incerteza, pois está além de uma terapia que visa objetivos físicos, psíquicos e sociais somente. Cito uma fala de um integrante da equoterapia do CEV:

Eu vejo a equoterapia como uma coisa bem natural, assim, como eu posso te explicar, numa brincadeira, assim, a gente vê uma evolução das crianças isto é gratificante pra gente que tá ajudando.

Ao contrário do que esperava, encontrei, sim, vestígios de uma equopedagogia que potencializa as diferenças, as alegrias e os bons encontros. Entre exercícios e atividades fisioterapêuticas, as crianças conseguem escapar do controle social, pois, como observado durante as sessões, enquanto as fisioterapeutas traçam objetivos terapêuticos, as crianças aproveitam o tempo aiônico para deixar a experiência perpassar pelo corpo.

Deleuze apud Jódar e Gómez (2002, texto digital) trazem o

[...] conceito de “devir”, concebido como processo criativo pelo qual as minorias se metamorfoseiam e escapam do controle social. [...] este ensaio tenta caracterizar o “devir- criança” como “linha de fuga” pela qual se pode experimentar e explorar uma outra educação. [...] podem criar novas possibilidades para a educação concebida como criação de novas formas de fazer, pensar, sentir, capazes de resistir a um modo de existência que aprisiona a educação e na qual emerge o rosto do intolerável que faz de nossa banalidade cotidiana sua habitação permanente. (DELEUZE apud JÓDAR; GÓMEZ, 2002, p. 32, texto digital)

Algo que me chamou a atenção foi quando a fisioterapeuta Olga solicitava ao Nicolas para andar sentado de costas, este deitou-se sobre o lombo do cavalo e ficou deslizando suas mãos sobre o pelo macio do Tornado. Isso prova que a equoterapia pode ser uma equopedagogia através dos bons encontros, dos momentos de escapes sociais, uma vivência com intensidade.

Para mim, a relação entre o praticante e o cavalo é algo inexplicável, tem muito mais a desvendar, pois é rica em potencialidades que guardam muitas

dúvidas, sensações e aprendizagem por detrás. Um tema que permanece como inquietação para futuras problematizações.

Figura 8 – Relação entre praticante e o cavalo



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2014)

Amigo, cavalo, eu já vou indo embora, um grande abraço e até qualquer hora, um grande abraço e até qualquer hora. Tá na hora, tá na hora, tá na hora de ir embora. Porque a Mari vai agora, tá na na, mas ele volta outro dia. Porque hoje, acabou, acabou. (Centro de Equoterapia Vida)

REFERÊNCIAS

ANDE/Brasil – Associação Nacional de Equoterapia. **Coletânea de Trabalhos do I Congresso Brasileiro de Equoterapia**. Brasília: Centro de Seleção e de Produção de eventos da Universidade de Brasília – CESPE/UnB, 1999.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro. LTC, 1981.

CITTÈRIO-NICOLAS, Danièle. **História da Equoterapia no mundo**. Tradução da palestra da Dra Daniele Nicolas Citteiro no 1º Evento Nacional de Equoterapia no Brasil -Polígrafo fornecido aos participantes do III CURSO BÁSICO DE EQUOTERAPIA,1999.

CLEMERMONT Gauthier; TARDIF Maurice: **A pedagogia**: Teorias e práticas da antiguidade aos nossos dias. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

CORRÊA, Guilherme Carlos; PREVÊ, Ana Maria Hoepers. **A educação e a maquinaria escolar**: produção de subjetividades, biopolítica e fugas. Sorocaba, SP, v.37, n.2, p.181-202, dez. 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 34 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2007.

GALLO, Silvio. **Disciplinaridade e transversalidade**. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 10. Rio de Janeiro, 2000.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** Educ. v. 14, n. 50, p. 27-38. Jan/ mar. Rio de Janeiro, 2006.

HANK, Vera Lucia Costa. **O espaço físico e a sua relação no desenvolvimento e aprendizagem da criança.** Trabalho de graduação, UNIASSELVI, 2006. Disponível em: <<http://meuartigo.brasescola.com/educacao/o-espaco-fisico-sua-relacao-no-desenvolvimento-aprendizagem-.htm>> Acesso em: 14 de mar. 2014.

JÓDAR, Francisco; Gómez, Lúcia. Devir-criança: experimentar e explorar outra educação. **Revista Educação e Realidade.** Porto Alegre, v.27, n.2, p.31-45, jul./dez. 2002. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25914/15183>> Acesso em: 2 de Mai. 2014.

KOHAN, Walter O. **Infância, estrangeiridade e ignorância.** Ensaios de filosofia e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico:** procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. São Paulo: Atlas, 1983.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogias e Pedagogos, para quê?** São Paulo, Cortez, 2005.

LOPES Maria Isabel. **Psicopedagogia:** uma ortopedia de aprendizagem. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

LOPES, Maura Eli. **Dificuldade de aprendizagem:** uma invenção moderna. GT: Educação Especial/n.15. Unisinos, 2004.

SULZBACH, Liliana. **A invenção da infância.** Documentário. Duração 26 min. Produzido no RS. Brasil, 2000.

THOMA, Adriana da Silva; HILLESHEIM, Betina. **Políticas de inclusão:** gerenciando riscos e governando as diferenças. 1. ed. Santa Cruz do Sul, 2011.

TONUCCI, Francisco. **Com olhos de criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.





ANEXOS

LISTA DE ANEXOS

- ANEXO A - Roteiro para a entrevista com os praticantes da Equoterapia.....55**
- ANEXO B - Roteiro para entrevista com os profissionais da Equoterapia56**

ANEXO A - Roteiro para a entrevista com os praticantes da Equoterapia

- 1) Como você vê a equoterapia?
- 2) Desde quando você pratica? Por qual motivo



ANEXO B - Roteiro para entrevista com os profissionais da Equoterapia

1) Para frequentar a equoterapia é necessário um diagnóstico? Quem encaminha o praticante até o Centro de Equoterapia?

2) Qual o motivo, a causa, o diagnóstico do encaminhamento para a prática da Equoterapia?

